

A dama da literatura

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Clarice Lispector, a ucraniana dos olhos da cor de poesia, fez-se brasileira pela emoção criadora, sensibilidade humana e amor à nossa história.

Aqui começou o seu mundo literário, nos idos de 1942, quando escreveu o seu primeiro romance – *Perto do Coração Selvagem* -, pela editora, à época da moda, A Noite, tendo apenas 23 anos de idade.

Agora, em plena Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), foi a grande homenageada do evento.

E não poderia deixar de sê-lo.

É que, durante a liturgia da festa, a obra desta brasileira nascida na Ucrânia recebe as homenagens da consciência literária mundial.

Dois ensaios – *Aprendendo a viver* e *Outros escritos* – ambos editados pela Rocco, foram lançados.

São textos de Clarice Lispector, ainda inéditos.

É verdade – e não vai nisso nenhum segredo de polichinelo – Lispector teve sóbria, elegante e afirmativa participação na formação da consciência feminista do Brasil.

Uma libertária com as limitações de estilo. O discurso administrado pela razão. A emoção contida pela estética.

Ou como muito bem conceituou o crítico literário Jerônimo Leite, no ensaio que publicou com o título de *O Lado B de Clarice*, quando lembrou que “tampouco tinha a inclinação ou o rigor argumentativo para se tornar uma *teórica* da emancipação feminina, como o foram a inglesa Virgínia Woolf e a francesa Simone de Beauvoir”.

Dona de uma soberba força intimista, foi, sem exagero algum, a grande dama da literatura brasileira.

De fato, a nossa maior escritora.

Do seu vasto artesanato literário, uma verdade lhe orna o talento: a liberdade de pensar e escrever.

E, sem subterfúgios, ela o confessa solenemente, quando diz que “liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”.

Depois justificando o ato e o instante de escrever, afirma coerente: “Eu escrevo como se fosse salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos”.

Sem dúvida, o testamento literário-existencialista da dama de ferro das letras nacionais.

Como ela viveu e escreveu.